



MOSTRA DE PRÁTICAS EM PSICOLOGIA

De 28 a 30
Novembro/2018

QUERO MUDANÇAS, MAS NÃO QUERO MUDAR

Melissa Janson; Marlene Marchi de Sousa.
melissajanson@gmail.com

*Centro de Ciências Humanas, Departamento de Psicologia, Universidade do Sagrado Coração,
Bauru-SP.*

Resumo

Esse estudo refere-se ao processo terapêutico realizado, na clínica escola da Universidade Sagrado Coração (USC), Bauru, SP, na disciplina de Estágio de Processos Clínicos, na abordagem humanista existencial. A psicologia existencial é a psicologia da existência humana com toda a sua complexidade e paradoxos, e envolve pessoas reais em situações concretas. Essa perspectiva se sustenta no pressuposto de que o homem é livre e responsável pela construção da sua existência, apesar de todos os determinismos e condicionamentos. O sujeito deste estudo é uma mulher de 50 anos de idade, divorciada, com uma filha de 13 anos de idade com quem mantém uma relação conflituosa, pautada pela intolerância, impaciência, falta de afeto e rejeição. Relata que a sua gravidez foi indesejada e o parto traumático, devido a ocorrência de complicações. Embora tenha cuidado da filha, dispensando-lhe a atenção necessária, nunca conseguiu acolhê-la e aceitá-la e estabelecer com ela uma relação afetiva e amorosa. Hoje, com a filha na adolescência, a relação ficou ainda mais difícil, na medida em que, sua falta de vínculo, aceitação e intolerância, leva-a facilmente a desqualificar a filha, incomodando-se com sua maneira de ser, considerando-a egocêntrica, folgada e preguiçosa, representando um fardo na sua vida. A decisão de buscar ajuda na terapia foi por desejar encontrar um caminho para aprender a lidar com essa relação. Os objetivos terapêuticos foram direcionados para o autoconhecimento, de maneira a ampliar a consciência de seus núcleos de fragilidades e de seus recursos potenciais; fazer as ressignificações das concepções contaminadas e distorcidas que permeiam a dinâmica relacional com a filha; compreender as motivações que comandam seu modo de ser-no-mundo restritivo, que a impedem de sentir e expressar afetos positivos. O processo terapêutico foi instrumentalizado pelo método fenomenológico, que visa apreender os fenômenos que se revelam à consciência, com os significados e sentidos atribuídos pela própria pessoa. Os resultados são ínfimos; com 14 sessões terapêuticas realizadas, constatou-se pouco progresso, haja vista a forte resistência e a falta de abertura da cliente para a mudança. Revelou muita dificuldade de olhar para as suas fragilidades e suas responsabilidades pela dinâmica destrutiva que estabeleceu com a filha. Desejava apenas que a terapeuta estagiária lhe desse instrumentos e conselhos para mudar a filha, negando a se desenvolver no sentido de suas possibilidades afetivas, para conduzir e reconstruir a relação num plano mais saudável e construtivo. Ao conscientizar-se que a mudança no relacionamento com a filha ocorreria somente a partir de sua própria mudança, negou caminhar nessa direção e desistiu do processo terapêutico, o que revela que não se encontrava pronta para olhar para si mesma e enfrentar as suas próprias dificuldades. Conclui-se que esse processo possibilitou a cliente fazer uma reflexão sobre as suas fragilidades emocionais e a sua coparticipação na dinâmica construída com a filha, esperando que as sementes plantadas durante as reflexões promovidas pela terapeuta estagiária, num futuro próximo, possam germinar viabilizando a abertura para cuidar de si e promover as mudanças necessárias, tornando sua existência mais satisfatória e construtiva.

Palavras-chave: Psicologia fenomenológico-existencial; Ressignificação; Resistência.